O Carrão: Uma Narrativa Sobre Lavanderia (Leiteiro n.° 2)

Stephen King

Rocky e Leo, ambos embriagados como os últimos senhores da criação, rodaram lentamente pela Rua Culver e depois ao longo da Avenida Balfour, em direção à Crescent. Estavam repimpados no Chrysler 1957 de Rocky. Entre os dois, equilibrada com bêbado cuidado sobre a monstruosa protuberância do eixo motor do Chrysler, repousava u~caixa de cerveja Iron City. Aquela era a segunda caixa deles na noite - uma noite que realmente começara às quatro da tarde, hora de encerramento do expediente na lavanderia.

- Raios me partam! -exclamou Rocky, parando na pestanejante luz vermelha do cruzamento da Avenida Balfour e a Higway 99.

Não viu movimento de carros em nenhuma das duas direções, mas atirou um tímido olhar para trás. Entre suas pernas, descansava uma lata de I. C., pela metade. Ele tomou um gole e depois virou para a esquerda, entrando na 99. Ajunta universal emitiu um sonoro grunhido, quando a descarga começou a pipocar em segunda. O Chrysler havia perdido sua primeira marcha, uns dois meses antes.

- Dê-me um raio, que eu o parto - disse Leo, amavelmente.

- Que horas são?

Leo ergueu o pulso com relógio até bem perto da ponta do cigarro e então sugou furiosamente, até conseguir ver as horas.

- Quase oito -disse.

- Raios me partam!

Haviam passado por um sinal dizendo PITTSBURGH 44.

- Ninguém irá vistoriar esta gracinha de Detroit - disse Leo. - Pelo menos, ninguém em seu juízo perfeito.

Rocky passou para terceira. Ajunta universal resmungou para si mesma e o Chrysler começou a ter o equivalente automotriz de um ataque epiléptico, petit mal. O espasmo cessou eventualmente e o velocímetro subiu aos poucos para sessenta e cinco, onde pendeu precariamente.

Quando alcançaram o cruzamento da Highway 99 com a Devon Si., cam Road (Devon Stream formava a fronteira entre as jurisdições de Crescent e Devon, durante uns treze quilômetros), Rocky dobrou para a última, quase por impulso. Era possível que, naquilo que funcionava como seu subconsciente, muito lá no fundo, houvesse sido despertada alguma lembrança do velho Meia Suja.

Ele e Leo haviam estado dirigindo mais ou menos ao acaso, desde a saída do trabalho. Era o último dia de junho, e o cartão de inspeção do Chrysler de Rocky perderia a validade exatamente às 12:01 do dia seguinte. Quatro horas, a partir de

agora. Menos de quatro horas, a partir daquele exato momento. Rocky achava esta eventualidade quase demasiado dolorosa para ser contemplada e, quanto a Leo, não fazia diferença. O carro não lhe pertencia. Além do mais, bebera suficiente cerveja Iron City para alcançar um estado de profunda paralisia cerebral.

Devon Road serpenteava pela única área fortemente arborizada de Crescent. Nos dois lados da estrada amontoavam-se grandes maciços de olmos e carvalhos, exuberantes, vivos e repletos de sombras móveis, à medida que a noite se fechava no sudoeste da Pensilvânia. De fato, a área era conhecida como Os Bosques Devon. Conseguira uma situação com letras maiúsculas, após a tortura-assassinato de uma jovem e seu namorado, em 1968. O casal estivera estacionado ali, sendo encontrado no Mercury 1959 do namorado. O carro tinha assentos de couro legítimo e um grande enfeite cromado no capô. Os ocupantes estavam no assento traseiro. E também no dianteiro, no porta-mala e porta-luvas. O assassino jamais fora encontrado.

- É melhor que o motor desta lata velha não afogue aqui - disse Rocky. Estamos a cento e cinqüenta quilômetros de lugar nenhum.

- Cascata. - Esta interessante palavra, ultimamente ocupava o primeiro lugar entre as quarenta que compunham o vocabulário de Leo. - Lá está uma cidade, bem à frente.

Rocky suspirou e tomou outro gole de sua lata de cerveja. O clarão à vista não era realmente de uma cidade, porém o rapaz estava perto o suficiente para tornar inútil qualquer discussão. Era o novo centro comercial. Aquelas lâmpadas de sódio de alta luminosidade realmente emitiam claridade. Enquanto olhava naquela direção, Rocky dirigiu o carro para o lado esquerdo, gingou de volta, quase foi para o acostamento da direita, mas finalmente tornou a enfileirar-se em sua faixa.

- Caramba - disse ele.

Leo arrotou e gorgolejou.

Eles haviam estado trabalhando juntos na Lavanderia New Adams desde setembro, quando Leo tinha sido contratado como ajudante de Rocky. Leo era um rapaz de vinte e dois anos, com feições de roedor e parecendo ter em seu futuro um bocado de passagens pela cadeia. Ele alegava estar economizando vinte dólares semanais de seu pagamento, a fim de comprar uma motocicleta Kawasaki usada. Dizia que viajaria na moto para o oeste, assim que chegasse o tempo frio. Leo já passara por uns doze tipos de empregos, desde que se despedira do mundo estudantil, à idade mínima de dezesseis anos. Estava gostando bastante de trabalhar na lavanderia. Rocky lhe ensinava os vários ciclos da lavagem de roupa, fazendo-o acreditar firmemente que aprendia uma Especialização, algo muito conveniente, quando de sua chegada a Flagstaff.

Empregado mais antigo, Rocky já tinha quatorze anos na New Adams. Prova disso eram suas mãos, espectrais e manchadas ao volante. Ele já pegara quatro meses em 1970, por porte oculto de arma. Sua esposa, então obesamente grávida com o terceiro filho do casal, havia anunciado 1) que a criança não era dele, mas do leiteiro; e 2) que queria o divórcio, sob a alegação de crueldade mental.

Dois fatos a respeito dessa situação induziram Rock a andar com aquela arma: l) fora corneado; 2) fora corneado pelo imbecil do leiteiro, um infeliz com olhos de peixe morto e cabelos compridos, chamado Spike Milligan. Spike dirigia o furgão leiteiro da Laticínios Cramer's.

Logo o leiteiro, pelo amor de Deus! O leiteiro não faltava mais nada! Não era para um homem atirar-se à sarjeta e morrer? Mesmo para Rocky, que nunca fora muito além da leitura dos Fleer's Funnies, as histórias em quadrinhos enroladas em torno da goma de mascar que ele mascava infatigavelmente no trabalho, a situação continha sonoras e clássicas implicações.

Em vista disso, comunicara à esposa, sombriamente, dois fatos: 1) nada de divórcio; e 2) ia ver a cor de um bocado de miolos de Spike Milligan. Havia comprado uma pistola calibre 32 uns dez anos antes, que usava ocasionalmente para atirarem garrafas, latas vazias e cães de pequeno porte. Naquela manhã, saíra de sua casa na Rua Oak e rumara para a lavanderia, esperando pegar Spike, quando ele terminasse as entregas matinais.

Rocky fizera alto na Taverna Quatro Esquinas, a fim de tomar algumas cervejas - seis, oito, talvez vinte. Era difícil lembrar. E, enquanto bebia, sua mulher chamou os tiras. Eles estavam à sua espera, na esquina de Oak com Balfour. Rocky havia sido revistado e um dos tiras encontrou o 32, em seu cinto.

- Acho que vai ausentar-se por algum tempo, meu amigo - disse o tira que encontrou sua arma.

Foi exatamente o que Rocky fez. Passou os quatro meses seguintes lavando lençóis e fronhas para a Estadual da Pensilvânia. Durante esse período, sua esposa conseguira um

divórcio em Nevada, de maneira que quando Rocky saiu de trás das grades, ela vivia com Spike Milligan na Rua Dakin, em um prédio de apartamentos com um flamingo cor-de-rosa no gramado fronteiro. Juntamente com os dois filhos mais velhos (Rocky ainda mais ou menos presumia que fossem seus), o casal agora possuía um bebê, absolutamente tão olhos de peixe morto como seu pai. Também contava com uma pensão alimentícia semanal de quinze dólares.

- Andar tanto de carro está me dando náuseas, Rocky -disse Leo. Não podíamos parar um pouco e beber?

- Tenho que dar um jeito em minhas rodas - disse Rocky. - Um homem não é nada, sem suas rodas.

- Ninguém em seu juízo perfeito vai vistoriar isto - já lhe disse. Seu carro não tem sinalização para dobrar.

- As luzes piscam a cada vez que piso no freio, e quem não pisa no freio quando faz uma curva, está querendo capota.

- O vidro da janela deste lado está rachado.

- Ele pode ser descido.

- E sequem for vistoriar pedir que você o levante, para que possa checá-lo?

- Bem, se chegar a este ponto, eu estou roubado - disse Rocky friamente.

Jogou fora a lata de cerveja e pegou uma nova. Esta tinha a figura de Franco Harris estampada. Pelo visto, a Iron City estava endeusando os Maiores Suces-

sos dos Steeler, naquele verão. Rocky abriu o topo da lata. A cerveja esguichou para fora.

- Eu gostaria de ter uma mulher - disse Leo, olhando para o escuro e sorrindo estranhamente.

- Se tivesse uma, você nunca iria para o oeste. É isso que uma mulher faz, impedir que um homem vá para mais oeste. É assim que elas operam. É a sua missão. Não me disse que queria ir para o oeste?

- Disse, e vou.

- Você nunca irá - replicou Rocky. - Dentro em breve terá uma mulher. Logo depois estará ferrado. Pensão alimentar. Entende? As mulheres estão sempre querendo a pensão alimentar. Os carros são melhores. Fique firme neles.

- É um bocado difícil transar com um carro.

- Você ficaria surpreso - disse Rocky e deu uma risadinha.

O bosque começava a rarear, substituído por novas moradias. Luzes piscaram à esquerda e Rocky pisou subitamente no freio. As luzes de frear e de sinalização ligaram-se imediatamente; um macete de fabricação caseira, por meio de fios. Leo foi atirado para diante, salpicando cerveja no assento.

- O que foi? O que foi? - perguntou.

- Veja - disse Rocky. - Acho que conheço aquele cara.

No lado esquerdo da estrada havia uma garagem arruinada e um posto de gasolina Citgo. Na fachada, um letreiro dizia:

GASOLINA E SERVIÇO BOB'S BOB DRISCOLL, PROP. ALINHAMENTO DIANTEIRO - NOSSA ESPECIALIDADE DEFENDA SEU LEGÍTIMO DIREITO DE USAR ARMAS!

E, bem no final:

POSTO ESTADUAL DE INSPEÇÃO 72

- Ninguém em seu juízo perfeito... - recomeçou Leo.

- É Bob Driscoll! -exclamou Rocky. - Eu e Bobby fomos colegas de escola! Fizemos misérias por lá, pode apostar!

Manobrou desajeitadamente, os faróis iluminando a porta aberta da garagem. Depois, pisando na embreagem, investiu para lá. Um homem de ombros encurvados, vestindo macacão verde, correu para fora, gesticulando freneticamente para que ele parasse.

- Esse. é Bob! - gritou Rocky, exultante. - Oláááá, Meia Dura!

Rasparam o lado da garagem. O Chrysler teve outro acesso epiléptico, grand mal desta vez. Uma pequena.chama amarelada surgiu no final do tubo de aspiração da bomba, seguida por um jato de fumaça azul. 0 carro afogou agradecida-

mente. Leo foi atirado para diante, salpicando mais cerveja. Rocky girou a chave do motor e deu ré, para nova tentativa.

Bob Driscoll correu para eles, os palavrões jorrando de sua boca em coloridas torrentes. Agitava os braços.

- ... que merda pensa que está .fazendo, serr_flho da...

- Bobby! -berrou Rocky, em euforia quase orgásmica. - Ei, Meia Suja! O que há, meu chapa?

Bob perscrutou através da janela de Rocky. Tinha um rosto contorcido e cansado, em sua maioria oculto pela sombra da pala do boné.

- Quem foi que me chamou de Meia Suja?

- Erra- Rocky quase trovejou. - Fui eu, seu velho punheteiro! O seu chapa dos velhos tempos!

- Quem, diabo...

- Johnny Rockwell! Ficou cego, além de imbecil?

A pergunta cautelosa:

- Rocky?

- Eu mesmo, seu filho da mãe!

- Deus do céu! - Uma alegria lenta, indesejada, espalhou-se pelo rosto de Bob. - Não vejo você desde... bem.. acho que desde aquele jogo dos Catamounts...

- Shoosh! Foi um tempo quente, hem?

Rocky bateu com força na coxa, enviando um esguicho de Iron City. Leo arrotou.

- Se foi! A única vez que ganhamos um torneio. Mesmo então, parecia que íamos perder... Ei, cara, você quase me acaba com o lado da garagem! Você...

- Sim, o mesmo e velho Meia Suja! O mesmo cara! Você não mudou nem um fio de cabelo! - Algo surpreso, Rocky espiou o mais que pôde abaixo da pala do boné de beisebol, esperando que fosse verdade. No entanto, parecia que o velho Meia Suja ficara parcial ou totalmente calvo. - Céus! Não é incrível vir dar com você por aqui? Casou finalmente com Marcy Drew?

- Raios, casei. Lá por 70. Por onde você andou?

- Na cadeia, o mais provavelmente. Ei, chapa, dá pra vistoriar o bebê aqui?

De novo, a pergunta cautelosa:

- Está falando de seu carro?

Rocky deu uma risada estridente.

- Não-do meu pau-de-fogo! Claro que é do meu carro! E então, dá pra ver?

Bob abriu a boca para dizer não.

- Este aqui é um velho amigo meu. Leo Edwards. Leo, quero que conheça o único jogador de basquete do Ginásio Crescent, que não mudou as meias suadas em quatro anos.

- Prazer conhecer - disse Leo, fazendo a sua obrigação, como a mãe lhe ensinara, certa vez em que a dama estava sóbria.

Rocky riu esganiçadamente.

- Uma cerveja, Suja?

Bob abriu a boca para dizer não.

- Tome, a pequenina levanta-defunto! - exclamou Rocky.

Arrancou a abertura do topo. Sacudida pela colisão com o lado da garagem, a cerveja espumou acima da tampa e escorreu pelo pulso de Rocky. Ele enfiou a lata na mão de Bob. Bob bebeu rapidamente, para evitar que sua própria mão ficasse alagada.

- Escute, Rocky, nós fechamos às...

- Só um segundo, um segundinho, me deixe explicar. Tenho alguma coisa desarranjada aqui.

Rocky puxou a alavanca de mudança ao inverso, pisou o pedal da embreagem rapidamente, tirou um fino em uma bomba de gasolina e então dirigiu o Chrysler para o interior, aos sacolejos. Saiu em um minuto, para sacudir a mão livre de Bob como um político. Bob parecia aturdido. Sentado no carro. Leo abriu outra cerveja. Também estava peidando. Muita cerveja sempre o deixava assim.

- Ei! -esclamou Rocky, cambaleando em torno de uma pilha de calotas enferrujadas. - Lembra-se de Diana Rucklehouse?

- Claro -disse Bob. Um sorriso forçado veio à sua boca. - Era aquela com os... - Ele colocou as mãos em concha, diante do peito.

Rocky uivou.

- Isso mesmo! Você morou, cara! Ela continua na cidade?

- Acho que se mudou para...

- Dá pra entender-disse Rocky. - Os que não ficam, sempre se mudam. Pode dar um visto nesta banheira, não pode?

- Bem, minha mulher disse que ia esperar para o jantar e nós fechamos às...

- Poxa, ia ser uma ajuda e tanto se me fizesse a vistoria. Eu apreciaria muito. Posso retribuir com uma lavagem de roupa pessoal para sua esposa. É o que faço. Lavar roupa. Na New Adams.

- E eu estou aprendendo - disse Leo, e tornou a peidar.

- Lavar as roupas debaixo, o que você quiser. E então, Bobby?

- Bem... acho que posso dar uma espiada.

- Boa! -exclamou Rocky, batendo nas costas de Bob e piscando para Leo. - O mesmo e velho Meia Suja. Grande sujeito!

- Hum-hum -disse Bob, com um suspiro. Sorveu um gole de cerveja, seus dedos sujos de óleo quase tapando o rosto do Grande Joe Green. - Você andou batendo um bocado com este pára-choque, Rocky.

- Dá uma certa classe. O maldito carro precisa de um pouco de classe. Mesmo assim, é um carraço e tanto, entende o que quero dizer?

- Sim, acho que...

- Ei ! Quero que conheça o sujeito com quem trabalho! Leo, este é o único jogador de basquete do...

do.

- Você já nos apresentou -disse Bob, com um sorriso frouxo e desespera-

- Tudokay? - disse Leo.

Pegou outra lata de lron City. Linhas prateadas, como trilhos de ferrovia vistos ao meio-dia, em um dia quente e límpido, começavam a surgir diante de seu campo visual.

- ... Ginásio Crescem, que não trocou suas...

- Quer me mostrar os faróis, Rocky? - pediu Bob.

- Claro. Grandes faróis! De halogênio, nitrogênio ou qualquer fodido gênio. Eles têm classe. Ponha os olhos do bichão em funcionamento, Leo.

Leo ligou os limpadores de pára-brisa.

- Então bons - disse Bob, pacientemente. Sorveu um bom gole de cerveja. - E agora. que tal os faróis?

Leo acendeu os faróis.

- Farol alto?

Com o pé esquerdo, Leo tateou em busca do dimnier. Tinha absoluta certeza de que o interruptor estava em algum lugar lá embaixo, até finalmente encontrálo. Os faróis altos deixaram Rocky e Bob em nítido relevo, como suspeitos em uma fila de reconhecimento da polícia.

- Fodidos faróis de nitrogênio, não lhe disse? - exclamou Rocky, depois deu uma risadinha casquinada. - Poxa, Bobby! Estou vendo você melhor do que um cheque pelo correio!

- E agora, que tal a sinalização para dobrar uma curva? - pediu Bob.

Leo sorriu vagamente para ele e não fez nada.

- É melhor eu ver isso - falou Rocky. Arranjou um bom galo na cabeça, quando se colocou atrás do volante. - Acho que o rapaz não se sente muito bem...

Apertou o freio, ao mesmo tempo em que bateu de leve no indicador de curva.

- Correto - disse Bob, - mas isso funciona sem o freio?

- O manual de inspeção de veículos a motor diz, em algum lugar, que rem de funcionar? - perguntou Rocky espertamente.

Bob suspirou. Sua esposa o esperava para jantar. Sua esposa tinha seios grandes e pendurados, cabelos louros que eram negros nas raízes. Sua esposa era adepta de biscoitos em quilos, vendidos na loja local Giant Eagle. Quando ela ia à garagem nas noites de quinta-feira, pegar seu dinheiro para o bingo, em geral tinha os cabelos presos em grandes rolinhos verdes. sob um lenço verde de chifon. Isto fazia com que sua cabeça parecesse um rádio AM/FM futurista. Certa ocasião, por volta de três da madrugada, ele acordara e tinha olhado para seu rosto bambo, cor de papel, à impiedosa claridade de cemitério da luz no poste da rua, entrando pela janela do quarto de casal. Ele havia pensado em como seria fácil - apenas montar em cima dela, apenas fincar um joelho em seu estômago, para que ela ficasse sem ar e incapaz de gritar, apenas engalfinhar as duas mãos em torno de seu pescoço... Depois, apenas colocá-la na banheira e esquartejá-la, cortá-la em pequenos pedaços e enviá-la a qualquer lugar por via postal parwRobert Driscoll, a/c da Posta Restante. Qualquer velho lugar. Lima, Indiana. Pólo Note. ":e«

Hampshire, Intercourse, Pensilvânia, Kunkle, lowa. Qualquer velho lugar. Podia ser feito. Deus sabia que já fora feito antes.

- Não - respondeu ele a Rocky - Creio que em nenhum lugar do manual diz que eles têm que funcionar sozinhos. Exatamente. Em tantas palavras.

Erguendo a lata, ele deixou que o resto da cerveja gorgolejasse por sua garganta abaixo. Estava quente na garagem e ainda não jantara. Podia sentir a cerveja subir-lhe prontamente para a cabeça.

Ei, Meia Suja acabou de esvaziar a lata! - disse Rocky. - Mande mais

uma, Leo!

- Não, Rocky, sinceramente...

Não enxergando muito bem, Leo finalmente conseguiu encontrar outra lata.

- Quer que mande tudo? - perguntou, e passou uma lata a Rocky.

Rocky a entregou a Bob, cujas negativas foram anuladas ao segurar a fria realidade da lata em sua mão. Esta exibia a face sorridente de Lynn Swann. Ele a abriu. Leo peidou comportadamente, fechando a transação.

Durante um momento, todos beberam de latas com jogadores de futebol.

- A buzina funciona? - perguntou Bob finalmente, quebrando o silêncio como que em uma desculpa.

- Claro. - Rocky bateu no círculo com seu cotovelo. Ele emitiu um débil grasnido. - Acho que a bateria está um pouco baixa.

Os três beberam em silêncio.

- Aquele maldito rato era tão grande como um cocker spaniel! - exclamou

Leo.

- O garoto está um bocado alto - explicou Rocky.

Bob meditou a respeito.

- Hum-hum - disse.

Isso pareceu despertar a hilaridade de Rocky, porque ele gargalhou com a boca cheia de cerveja. Um pouco do líquido escorreu de seu nariz, o que fez Bob rir. Rocky gostou de ouvi-lo, porque o antigo colega lhe parecera um cara tristonho, quando tinham entrado ali.

Beberam em silêncio por mais algum tempo.

- Diana Rucklehouse -disse Bob, meditativamente.

Rocky deu uma risadinha abafada.

Bob o imitou e levou as mãos à frente do peito.

Rocky riu, agora também levando as mãos à frente do peito e aumentando a distância ainda mais, para dar a idéia de um busto generoso.

Bob gargalhou.

- Lembra-se daquela foto de Ursula Andress, que Tinker Johnson pregou no quadro de avisos da velha Freemantle?

Rocky emitiu um uivo.

- E ele desenhou aquelas maminhas enormes...

- ... e ela quase teve um ataque cardíaco...

- Vocês dois sabem rir - disse Leo, morosamente, e peidou.

Bob pestanejou, olhando para ele.

- Como?

- Rir-disse Leo. -Falei que vocês dois sabem rir. E podem. Nenhum tem um buraco nas costas.

- Não lhe dê ouvidos - disse Rocky, algo inquieto. - O garoto está num tremendo pileque.

- Você tem um buraco nas costas? - perguntou Bob a Leo.

- A lavanderia - disse Leo, sorrindo. - Temos aquelas enormes máquinas de lavar, entende? Só que as chamamos de rodas. São as rodas da lavanderia. Por isso é que as chamamos de rodas. Eu as carrego, eu as esvazio, depois torno a carregá-las. A droga da roupa está suja, quando sai de lá vem limpa. É isso que faço, e faço com categoria. - Olhou para Bob, com insana confiança. - No entanto, fazendo isso é que fiquei com um buraco nas costasa

- É mesmo?

Bob olhava fascinado para Leo. Rocky remexeu-se nervosamente.

- Há um buraco no teto- disse Leo. -Bem acima da terceira roda. Elas são redondas, compreenda, por isso as chamamos de rodas. Quando chove, a água cai por ali. Goteja, goteja, goteja. Cada pingo de chuva caiem cima de mim - plaft! - bem nas costas. Agora, estou com um buraco nas costas. Deste tamanho Leo fez uma curva rasa com uma das mãos. - Quer ver?

- Ele não quer ver nenhuma deformidade como essa! -gritou Rocky. - Estamos relembrando os velhos tempos e, por outro lado, você não tem nenhuma merda de buraco nas costas!

- Eu quero ver o buraco - disse Bob.

- Elas são redondas, por isso damos o nome de lavanderia - disse Leo.

Rocky sorriu e bateu no ombro dele.

- Pare com essa conversa fiada ou irá andando para casa, amiguinho. E agora, se ainda

sobrou alguma, quer me dar uma com o meu xará?

Leo espiou no engradado de cerveja, e, após um momento, entregou uma lata com Rocky Blier impresso.

- Vamos em frente! - esclamou Rocky, de novo alegre.

Uma hora mais tarde, a cerveja havia acabado e Rocky enviou Leo cambaleando estrada acima até o Pauline's Superette, para comprar mais. Os olhos do rapaz estavam injetados de sangue a esta altura e sua camisa saía para fora das calças. Com uma concentração de míope, ele tentava tirar seu maço de Camels das dobras enroladas da manga da camisa. Bob estava no banheiro, urinando e entoando uma canção escolar.

- Não quero ir andando até lá - murmurou Leo.

- Claro, mas está bêbado demais para dirigir!

Leo caminhou em vacilante semicírculo, ainda tentando extrair os cigarros da manga da camisa.

- Tá escuro. E frio.

- Quer que este carro ganhe um certificado de vistoria ou não? - sibilou Rocky para ele.

Agora, começara a ver coisas estranhas nas bordas de seu campo visual. A mais persistente era um enorme besouro, envolto em teias de aranha, no canto mais distante. Leo o fitou com olhos escarlates.

- O carro não é meu - replicou, com falsa sagacidade.

- E você nunca mais andará nele, se não for buscar essa cerveja - ameaçou Rocky. Olhou temerosamente para o besouro morto no canto. - Provoque-me e verá se estou brincando!

- Está bem - gemeu Leo. - Não precisa se irritar por causa disso.

Caminhou duas vezes para fora da via, em seu trajeto até a esquina, uma vez, quando voltava. Ao finalmente retornar para o calor e claridade da garagem, encontrou os dois homens entoando a canção escolar. De um jeito ou de outro, Bob conseguira erguer o Chrysler no elevador. Agora, examinava a parte do chassis, observando o enferrujado sistema de exaustão.

- Seu cano de descarga tem alguns buracos - disse ele.

- Não há nenhuma privada aí embaixo - respondeu Rocky.

Os dois acharam aquilo muito engraçado.

- Chegou a cerveja! - anunciou Leo.

Colocou o engradado no chão, sentou-se em um aro de roda e caiu imediatamente em meia sonolência. Ele próprio havia esvaziado três latas no trajeto de volta, a fim de aliviar a carga.

Rocky estendeu uma cerveja para Bob e pegou uma para si.

- Disputa? Como nos velhos tempos?

- Certo - disse Bob.

Sorriu com os lábios comprimidos. Mentalmente, via-se na cabine de um carro de corridas de Fórmula Um, daquelas aerodinâmicas, rentes ao solo, uma das mãos pousando de banda no volante, enquanto esperava que baixassem a bandeira, a outra tocando seu amuleto de sorte - o enfeite do capô de um Mercury 59. Esquecera o cano de descarga de Rocky e sua desgrenhada esposa, com rolinhos tránsistorizados para os cabelos.

Os dois abriram suas cervejas e despejaram o conteúdo na boca, sorvendo-o ansiosamente; era uma disputa surda. Ambos deixaram as latas caírem no concreto rechado e ergueram o dedo médio ao mesmo tempo. Seus arrotos ecoaram nas paredes, como tiros de rifle.

- Bem como nos velhos tempos - disse Bob, parecendo melancólico. Nada é como nos velhos tempos, Rocky.

- Eu sei - assentiu Rocky. Lutou por um perfeito e luminoso pensamento, até encontrá-lo. - Estamos envelhecendo a cada dia, Suja.

Bob suspirou e tornou a arrotar. Leo peidou no canto e começou a cantarolar "Get Off My Cloud".

- Mais uma vez? - perguntou Rocky, passando outra cerveja para Bob.

- Também acho -disse Bob, em resposta ao pensamento de Rocky. - Eu também acho, Rocky, meu chapa.

Por volta de meia-noite, o engradado que Leo trouxera estava vazio e um certificado de inspeção fora afixado no lado esquerdo do pára-brisa de Rocky, em um ângulo torto. O próprio Rocky havia anotado as informações pertinentes, antes de colar o certificado, copiando laboriosa e cuidadosamente os números do esfarrapado e ensebado registro que por fim encontrara no porta-luvas. Era preciso copiar com cuidado, porque estava vendo tudo em triplicata. Sentado de pernas cruzadas no chão, como um mestre ioga, Bob tinha uma lata de cerveja esvaziada pelo meio, pousada à sua frente. Seus olhos contemplavam o nada fixamente.

- Fique certo, você salvou minha vida, Bob - disse Rocky.

Chutou as costelas de Leo para acordá-lo. Leo grunhiu e bufou. Suas pálpebras

tremularam brevemente, ainda fechadas, depois se abriram inteiramente, quando Rocky tornou a chutá-lo.

- Já chegamos em casa, Rocky? Nós...

- Você deu a este carro uma oportunidade e tanto, Bobby! - exclamou Rocky alegremente. Enfiou os dedos debaixo dos braços de Leo e puxou. Leo ficou em pé, gritando. Rocky quase o carregou até o Chrysler e depois o jogou no assento do passageiro. - Ainda voltaremos aqui qualquer dia, para você dar uma geral nele.

- Que tempos eram aqueles! - suspirou Bob. Estava com os olhos úmidos. De lá para cá, tudo ficou cada vez pior, sabia?

- É verdade -disse Rocky. - Tudo tem sido readaptado e abestalhado. Só que a gente apenas aponta os erros e não faz nada de nada...

- Minha esposa não quer saber de mim há ano e meio - disse Bob, mas as palavras foram sufocadas pelos estouros do motor do Chrysler.

Bob levantou-se e ficou espiando o carro sair em ré da garagem, arrancando uma lasca de madeira do lado esquerdo da porta. Leo pendurou-se à janela, sorrindo como um debilóide.

- Apareça na lavanderia, caminhoneiro. Eu lhe mostrarei o buraco em minhas costas. Eu lhe mostrarei minhas rodas! Eu lhe mostr...

O braço de Rocky disparou subitamente, como uma prostituta de vaudeville, e o reduziu ao silêncio.

- Adeus, chapa! - gritou.

O Chrysler executou um slalom embriagado em torno das três ilhotas das bombas de gasolina e disparou para dentro da noite. Bob o espiou até as luzes traseiras ficarem apenas como vagalumes e então caminhou cautelosamente para dentro da garagem. Em sua apinhada bancada de trabalho, havia um enfeite cromado de algum carro antigo. Bob começou a brincar com ele e, em breve, estava chorando lágrimas de crocodilo pelos velhos tempos. Mais tarde, em algum momento depois das três da madrugada, ele estrangulou a esposa e incendiou a casa, para dar a tudo uma aparência de acidente.

-Santo Deus! -disse Rocky para Leo, quando a garagem de Bob encolheuse para um ponto de luz branca atrás deles. - Quem diria, hem? O velho Meia Suja!

Rocky atingira aquele estado de embriaguez em que cada parte de si mesmo parecia ter-se evaporado, apagando-se à exceção de uma pequenina e cintilante brasa de sobriedade, em algum ponto bem enterrado no meio de sua mente.

Leo não respondeu. À pálida claridade esverdeada do painel de instrumentos, ele parecia o rato-do-campo no chá de Alice.

- Ele estava mesmo bombardeado - prosseguiu Rocky. Dirigiu pelo lado esquerdo da estrada por algum tempo e depois o Chrysler vagueou de volta. Aliás, foi até bom para você - o mais provável é que ele não se lembre do que você lhe disse. De outra vez, poderia ser diferente. Já lhe disse, não sei quantas vezes, para ficar calado sobre essa idéia de que tem um maldito buraco em suas costas.

- Você sabe que tenho um buraco nas costas.

- Bem, e daí?

- E daí, que o buraco é meu. E vou falar sobre o meu buraco sempre que qui... - Leo interrompeu-se e olhou repentinamente em torno. - Tem um furgão atrás da gente. Acabou de sair daquela estrada lateral. Faróis apagados.

Rocky ergueu os olhos para o retrovisor. Era um furgão leiteiro. Não precisava ler LATICÍNIOS CRAMER'S na lateral, para saber qual era.

- Spike -disse Rocky, temerosamente. - É Spike Milligan! - Céus, pensei que ele só fizesse entregas matinais!

- Quem?

Rocky não respondeu. Um tenso sorriso bêbado espalhou-se na parte inferior de seu rosto. Não chegou a tocar-lhe os olhos, que agora estavam esbugalhados e vermelhos, como espiriteiras.

De repente, pisou fundo no acelerador do Chrysler, que expeliu uma fumaceira azul de óleo queimado e, relutantemente, entre rangidos, aumentou a velocidade para noventa.

-- Ei! Você está bêbado demais para ir tão depressa! Você está...

Leo parou de falar, com expressão vaga, como se houvesse perdido o fio do pensamento. As árvores e casas passavam em disparada por eles, apenas borrões difusos, na escuridão da meia-noite e quinze. Avançaram sobre um sinal de parada e o derrubaram, em resultado voando acima de um enorme buraco na pistã. Depois disso, saíram da estrada por um momento. Quando voltaram a ela, o silencioso pendendo baixo arrancou uma faísca no asfalto. Na traseira do carro, latas entrechocaram-se e chocalharam. Os rostos de jogadores do Steeler de Pittsburg rolaram de um lado para outro, às vezes à luz, em outras à sombra.

- Eu estava brincando!-disse Leo, apavorado. - Não há nenhum furgão!

- É ele - e ele mata gente! - gritou Rocky. - Vi seu besouro, lá na garagem! Porra!

Subiram rugindo a Southern Hill, pelo lado errado da estrada. Uma caminhonete

que vinha em direção contrária, derrapou loucamente na curva de cascalhos e foi parar no acostamento, saindo da frente deles. Leo olhou para trás. A estrada estava vazia.

- Rocky...

- Venha me pegar, Spike! - berrou Rocky. - Venha e me pegue!

O Chrysler tinha chegado a quase cento e trinta, uma velocidade que, em condições mais sóbrias, Rocky não acreditaria possível. Fizeram a curva que leva à estrada Johnson Flat, com a fumaça sendo expelida dos pneus carecas do carro. O Chrysler uivou na noite com um fantasma, os faróis vasculhando a estrada vazia à frente.

De repente, um Mercury 1959 rugiu para eles, saindo do escuro e rodando pela linha central. Rocky gritou e ergueu as mãos, colocando-as à frente do rosto. Leo apenas teve tempo para ver que faltava o enfeite no capô do Mercury, antes que houvesse a colisão.

Meio quilômetro atrás, faróis brilham em uma estrada lateral, e um furgão leiteiro, com as palavras LATICÍNIOS CRAMER'S inscritas na lateral, entrou em movimento e começou a rodar para a coluna de chamas e retorcidas massas que enegreciam no meio da estrada. Movia-se em moderada velocidade. O rádio transistor, pendurado pela correia no gancho de carne, tocava ritmos e blues.

- Múito bem - disse Spike. - Agora, vamos à casa de Bob Driscoll. Ele pensa que levou gasolina de sua garagem, mas não estou bem certo disso. Este foi . um dia bastante longo, não acha?

No entanto, quando ele se virou, a traseira do furgão estava vazia. Até o besouro se fora.